

## E. P. Thompson no Brasil

Marcelo Badaró Mattos – UFF

Nesta comunicação pretende-se apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa em andamento sobre a recepção e a fortuna crítica no Brasil da obra do historiador marxista inglês Edward Palmer Thompson. A pesquisa propõe-se a avaliar a recepção da obra de E. P. Thompson no Brasil, observando quais dentre as referências conceituais e considerações por ele formuladas foram incorporadas e de que forma o foram, conforme as especificidades de cada especialidade do conhecimento;

Pretende-se colocar em discussão, através deste estudo, aspectos do diálogo mais recente entre a história e as demais ciências sociais, objetivo facilitado pela própria ênfase atribuída por E. P. Thompson a essas trocas, bem como pelo fato de existirem tanto cientistas sociais brasileiros que valorizam as discussões travadas por Thompson quanto historiadores que freqüentemente se propõem a dialogar com as ciências sociais de forma geral.

No espaço restrito desta comunicação, buscou-se apresentar sucintamente a origem e o contexto da produção do historiador britânico, bem como a trajetória das referências a Thompson entre cientistas sociais e historiadores brasileiros, para em seguida avaliar criticamente uma dada referência ao historiador inglês, perceptível em determinados trabalhos recentes de historiadores do trabalho. As propostas interpretativas expressas nos próprios textos de Thompson são resgatadas – ainda que rapidamente – como forma de contraposição a tais leituras recentes.

De forma a situar de forma rápida a produção de E. P. Thompson, é necessário localizar um debate que, desde a origem, rompia as fronteiras específicas da produção do conhecimento histórico. Em Thompson percebe-se a marca de uma geração, responsável pelo entendimento do marxismo como abertura crítica, formada por historiadores sociais, mas não apenas historiadores, que ao longo das quatro décadas que se seguiram ao fim da Segunda Guerra Mundial produziram algumas das mais importantes obras de análise sobre as sociedades humanas, citando, apenas para ficar nos exemplos mais conhecidos, os trabalhos de Maurice Dobb – espécie de “patriarca” do grupo –, Christopher Hill; Raymond Willians (que não era exatamente um historiador mas dialogou

permanentemente com eles); Eric Hobsbawm; Perry Anderson (de uma geração mais jovem e de um diálogo mais tenso com os antecessores) e E. P. Thompson. É a partir dessa tradição que podemos entender suas contribuições para o debate sobre os conceitos de classe social e luta de classes.

Para corretamente avaliar tal tradição é necessário situar o contexto de seu surgimento nas décadas de 1950 e 1960, quando a diminuição das disparidades na distribuição de renda e a ampliação no poder de consumo da classe operária dos países industrializados europeus, levaram alguns cientistas sociais a proclamarem o fim da classe operária e a homogeneização das sociedades de capitalismo avançado, com a afirmação de uma onipresente "classe média".

Vários questionamentos à tese do "aburguesamento" operário foram mais tarde levantados, tendo por base estudos sobre a classe operária no mundo do trabalho, na esfera da produção, e não apenas no âmbito do mercado de consumo.<sup>1</sup> Uma das contribuições mais ricas para este debate viria de uma abordagem que destacava as matrizes culturais do comportamento operário. Richard Hoggart, embora reconhecendo a tendência a transformações profundas na classe operária, destacou a persistência de padrões de comportamento e valores tradicionais de classe, com base na observação ativa de uma comunidade operária, aliada à problematização de sua própria experiência de vida<sup>2</sup>. Apesar de seu trabalho preocupar-se principalmente com a circulação e repercussão de livros e periódicos ditos populares, a obra de Hoggart extrapolou tal limite temático em direção a uma rica descrição etnográfica da vida familiar e comunitária do operariado britânico, em que se destaca a forma específica de classe em que novas situações sociais são lidas, através de lentes condicionadas pelas matrizes culturais tradicionais.

Papel semelhante teve o estudo sociológico coletivo *Coal is our life*, em que se procurava estudar o impacto da nacionalização das minas de carvão e de outras reformas sociais promovidas pelos governos de maioria trabalhista do pós-guerra sobre a vida dos mineiros britânicos. As constatações do trabalho, que inspiraria toda uma série de estudos

---

<sup>1</sup> O debate sobre esta questão é resumido por Goldthorpe, John H. e outros. *The affluent worker: industrial attitudes and behavior*. New York, Cambridge University Press, 1968, vol I.

<sup>2</sup> Hoggart, Richard. *As utilidades da cultura*. Lisboa, Presença, s.d.( 1a. ed. inglesa, *The uses of literacy*, de 1958).

de “comunidades operárias”, enfatizavam que, apesar de todas as mudanças da “nova era”, as divisões de classe e sua percepção pelos mineiros haviam mudado muito pouco. A partir de uma perspectiva de classe muito nítida, os mineiros de carvão continuavam a manifestar um profundo antagonismo contra os administradores das mineradoras e contra os privilegiados da sociedade em geral. Havia, entretanto, mudanças perceptíveis nas relações dos mineiros com o Partido Trabalhista, que apesar de bem votado nas comunidades mineiras parecia ter cada vez menos presença no cotidiano das comunidades.<sup>3</sup>

Naquela conjuntura, o grupo de historiadores, ligados às questões da classe operária pela militância política no Partido Comunista Britânico, produzia uma série de contribuições que avançava em sentido análogo. Propunham - no interior dos marcos conceituais do marxismo – uma história não apenas econômica do capitalismo inglês, embora valorizassem a História Econômica. Forçando os limites da interpretação marxista dominante na época, ressaltavam a importância e a autonomia relativa de outros níveis de análise (político, social, cultural), destacando a relevância de estudos historicamente localizados em que tais níveis pudessem ser observados na sua dinâmica inter-relação.<sup>4</sup>

A partir dos debates deste grupo e de sua experiência na educação de jovens e adultos de origem operária, E. P. Thompson compôs, com seu *A formação da classe operária inglesa*, publicado em 1963, um estudo que, pela ênfase na dimensão cultural da classe e pela riqueza de uma análise que reconstituía importantes aspectos da vida comunitária dos trabalhadores "pré-industriais", pode ser lido a partir de vários paralelos com outros trabalhos, como o estudo de Hoggart ou as análises de *Coal is our life*, apesar das diferenças significativas quanto aos marcos conceituais.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Dennis, N.; Henriques, F. & Slaughter, C. *Coal is our life*. Londres, Tavistock, 1969 (1a. ed., 1956). Um bom comentário sobre o livro em seu contexto pode ser encontrado em Savage, Mike & Miles, Andrew. *The remaking of the british working class. 1840-1940*. Londres, Routledge, 1994, pp. 4-5.

<sup>4</sup> Sobre este grupo, ver Schwartz, B. "The People in history: the Communist Party Historians Group 1946-1956". In: Johnson, R. e outros. *Making histories: studies in history, writing and politics*. Londres, Hutchinsons, 1982.

<sup>5</sup> Thompson, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987-1988, 3 vols. (1a. ed. inglesa, *The making of the english working class*, de 1963). A comparação com o trabalho de Hoggart foi sugerida por Leve, Jean (e outros). "Coming of Age in Birmingham: cultural studies and conceptions of subjectivity". *Annual Reviews of Antropology*. 1992 e já havia sido proposta pelos críticos do "culturalismo" de Thompson, que teve a oportunidade de rechaçar as críticas e de salientar as diferenças

Talvez por essa origem de seus estudos, em si já bastante marcada pelo recorte interdisciplinar, explique-se o fato sintomático de que este historiador inglês tenha sido inicialmente tomado como referência no Brasil, por estudos da área das ciências sociais.

Assim é que os estudos de Thompson sobre os motins de alimentos no século XVIII inglês serviram como inspiração para a análise dos quebra-quebras de trens no Brasil dos anos 1970.<sup>6</sup> Sua definição de classe social como processo e relação seria citada por estudos sociológicos a respeito do novo sindicalismo (fenômeno que irrompe na cena política brasileira a partir das greves dos metalúrgicos do ABC em 1978).<sup>7</sup> No caso da Antropologia, José Sérgio Leite Lopes destacou como a combinação de referências dos “estudos de historiadores sociais, preocupados com as mentalidades coletivas da classe trabalhadora (...) cujo ponto culminante é o livro de Thompson, *The making of the english working class*” com os estudos antropológicos de comunidades foram importantes para a geração de uma problemática antropológica na literatura especializada sobre a classe operária:

“Isto é, uma problemática não exclusivamente voltada para os aspectos políticos, ou para as condições materiais de vida dessa classe, mas enfatizando a sua prática cotidiana, as suas tradições, a sua diferenciação interna, o seu pensamento, a sua internalização subjetiva de suas condições materiais de existência.”<sup>8</sup>

Entre os historiadores, os estudos publicados na virada dos anos 1970 para os 1980, centrados principalmente na análise da formação da classe operária no Brasil, introduziram, progressivamente, referências ao historiador inglês.<sup>9</sup> É interessante que, alguns anos mais tarde, a influência dos estudos de Thompson sobre o século XVIII

---

entre o marco teórico de seus estudos e o de Hoggart, em "La política de la teoría". In: Samuel, Raphael (ed.). *Historia popular y teoría socialista*. Barcelona, Crítica, 1984.

<sup>6</sup> Moisés, José Álvaro e Martínez-Alier, Verena. “A Revolta dos Suburbanos ou ‘Patrão o Trem Atrasou’” In *Contradições urbanas e movimentos sociais*. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra/Cedec, 1978.

<sup>7</sup> Ver por exemplo Sader, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo. 1970-1980*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p.44.

<sup>8</sup> Lopes, José Sérgio Leite. “Introdução: formas de proletarianização, história incorporada e cultura operária”. Em Lopes, J. S. L. (org.). *Cultura e identidade operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro, UFRJ/Marco Zero, 1987, p. 12.

<sup>9</sup> Ver por exemplo o texto escrito entre 1979 e 1981 e publicado no ano seguinte por Hardman, Francisco Foot & Leonardi, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo, Global, 1982. Nesse livro, há referências a Thompson tanto no prefácio de Paulo Sérgio Pinheiro, quanto em passagens do estudo, como no capítulo 16, pp. 317 e ss.

inglês se faria sentir também de forma decisiva nos estudos de historiadores brasileiros dedicados ao tema da escravidão.<sup>10</sup>

O impulso maior de difusão da referência a E. P. Thompson, porém, viria posteriormente à publicação em português de seu *Formação da classe operária inglesa*, em 1987 e os anos 1980-1990 são profundamente marcados por essa presença, do ponto de vista da produção historiográfica em diferentes áreas, como os estudos sobre os trabalhadores assalariados, sobre a escravidão, sobre o caráter da lei, ou sobre a cultura popular.<sup>11</sup>

Nos limites desta comunicação, pretende-se centrar a discussão em um aspecto da forma mais recente das referências a Thompson entre pesquisadores brasileiros. Algo que aqui é tratado como uma tentativa de “domesticação” de seu pensamento, a partir de uma aproximação forçada entre o materialismo histórico esposado pelo historiador inglês e algumas premissas “culturalistas”, bastante em voga na história e em outras ciências sociais no passado recente.

Por culturalismo, entende-se, como define Aijaz Ahmad “uma ideologia (...) que trata a `cultura` não apenas como um forte aspecto de organização e comunicação social, mas como uma instância determinante.”<sup>12</sup> Também em Ahmad, buscou-se a definição de domesticação, por ele apresentada para definir uma apropriação dos conceitos e dos propósitos de Gramsci, inscritos no território do marxismo, por uma proposta política e por uma leitura acadêmica que apresentam como centrais no pensamento do autor italiano apenas a discussão da democracia e as temáticas da cultura. Segundo Ahmad, “quando os escritos de Gramsci surgiram na França e nos países anglo-saxões, o eurocomunismo havia se tornado a tendência predominante na política de esquerda e as rebeliões de 1968-69 nos *campi* universitários haviam dado lugar a uma teoria radical, por meio de diversas disciplinas acadêmicas, que era *culturalista* no sentido exato que postulava o reino da

---

<sup>10</sup> Talvez o melhor exemplo seja o de Chalhoub, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1990.

<sup>11</sup> Thompson, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. 3 vols. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Aos quais se seguiram *Senhores e Caçadores*. (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987) e *Costumes e comuns*. (São Paulo, Cia das Letras, 1998), entre outros escritos. Cabe ressaltar que tanto a *A miséria da Teoria* (Rio de Janeiro, Zahar, 1981), quanto *Exterminismo e Guerra Fria* (São Paulo, Brasiliense, 1985), já estavam traduzidos antes de *A formação...*, mas a maior parte das referências encontradas ao autor entre pesquisadores brasileiros até o fim dos anos 1980 eram feitas a partir de edições estrangeiras de *A formação...* e da coletânea espanhola *Tradición, revuelta y consciencia de clase*. Barcelona, Crítica, 1979.

<sup>12</sup> Ahmad, Aijaz. *Linhagens do presente*. São Paulo, Boitempo, 2002, p. 9.

cultura como autônomo e primário. É melhor reconhecer, penso, que o Gramsci que chegou a nós foi filtrado por meio de leituras euro-comunistas e culturalistas.”<sup>13</sup>

No Brasil, porém, mais que de Gramsci, é de Thompson que encontramos as leituras domesticadas pelo culturalismo mais freqüentemente. Thompson é reivindicado como um dos “modelos” da história cultural por brasileiros, que chegam a defini-lo, como o faz Ronaldo Vainfas, como “uma espécie de ‘versão marxista’ da história cultural.”<sup>14</sup> Tal perspectiva permite toda a sorte de reducionismos sobre a obra do historiador inglês, como as afirmações de que ela “parte de um marxismo mais convencional (estudo de ideologias, consciências de classe etc.) para um conceito mais elástico e histórico-antropológico de cultura popular”, ou que “o conceito de cultura popular de Thompson exprime, sem deixar de ser marxista, um relativo afastamento do autor em relação à tradição marxista britânica”, ou ainda, que “em Thompson o que importa é desvendar a identidade sócio-cultural das classes subalternas no contexto específico da formação do capitalismo, o que faz de sua obra um modelo para o estudo da formação da ordem burguesa na ótica dos ‘vencidos’.”<sup>15</sup>

Com certeza, entretanto, esse não é dos usos mais autorizados das idéias de Thompson, que rebateu de forma definitiva as acusações de culturalismo nas polêmicas que se seguiram à publicação do seu livro *Miséria da Teoria*. No tom duro de um debate que empreendeu em 1979, Thompson partiu de um “repúdio sem reservas ao epíteto de ‘culturalismo’ aplicado à tradição historiográfica marxista da qual é considerado representante”, para lembrar que, quando criticou, em 1961, o livro de Raymond Williams, *A longa revolução*<sup>16</sup>, procurou opor às pretensões de Williams a uma “história cultural”, como história de “todo um sistema de vida”, o contraponto marxista da história “como todo um sistema de luta”. Assim, para Thompson: “Cada teoria da cultura deve incluir o conceito da interação dialética entre cultura e algo que não é cultura”<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> Idem, p.259.

<sup>14</sup> Vainfas, Ronaldo. “História das mentalidades e história cultural”. In Cardoso, Ciro & Vainfas, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História. Ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997, p. 155.

<sup>15</sup> Idem, p. 157.

<sup>16</sup> Williams à época mantinha uma atitude de crítica ativa ao marxismo, que depois reveria, como pode ser constatado no prefácio de Williams, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

<sup>17</sup> Thompson, E. P. “La política de la teoría”, op. Cit., pp. 301 e 303-304. Cabe lembrar que esta também parece ter sido a compreensão posterior de Williams, quando propugna, em seu *Marxismo e literatura*, uma “história materialista da cultura”.

Por quê então o recurso a Thompson para operar-se a domesticação aqui discutida? Uma possível resposta talvez esteja no fato de que, no interior do debate que travou contra o que considerava uma perspectiva determinista do marxismo, Thompson tenha sido acusado de culturalista por outros marxistas. Recorrer a Thompson seria, nesse sentido, uma busca de legitimação no interior do próprio debate marxista para o culturalismo praticado pelos seus “usuários”.

Porém, é pouco autorizada uma leitura que despreze em Thompson suas formulações sobre a “simultaneidade” das manifestações normalmente compartimentadas como “econômicas” ou “culturais”, por ele entendidas como igualmente constitutivas do modo de produção. Seguindo Ellen Wood:

“O argumento de Thompson sobre a simultaneidade das expressões ‘econômicas’ e ‘culturais’ de qualquer modo de produção tem dois lados inseparáveis e igualmente importantes. O primeiro (...) insiste que ideologia e cultura têm uma ‘lógica’ própria que constitui um elemento ‘autêntico’ nos processos sociais e históricos. (...) O outro lado do argumento é que, dado que os efeitos determinados do modo de produção operam simultaneamente na esfera ‘econômica’ e na ‘não-econômica’, eles são também ubíquos. O argumento não pretende negar nem reduzir a importância dos efeitos determinativos do modo de produção, mas, ao contrário, reforçar a proposição de que eles são ‘operacionais o tempo todo’ e em toda parte. Em outras palavras, é possível que o materialismo de Thompson atinja seu ápice no exato momento em que ele se recusa a privilegiar a ‘economia’ em relação à ‘cultura’. Na verdade, a insistência na ‘simultaneidade’ se apresenta não como afastamento ou correção do materialismo clássico marxista, mas como um polimento das palavras do próprio Marx.”<sup>18</sup>

É neste sentido que podemos entender como Thompson procurou resgatar a questão da “determinação do ser social sobre a consciência social”, contestando ao mesmo tempo a associação do ser social exclusivamente à metáfora da base econômica e defendendo que há uma “simultaneidade da manifestação de relações produtivas particulares em todos os sistemas e áreas da vida social”. Vida material, vida social e vida cultural, encaradas a partir da dimensão fundamental do conflito social e diante desta simultaneidade de manifestações, são vistas, portanto, de uma forma que procura

---

<sup>18</sup> Wood, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo, Boitempo, 2003, pp. 61-62.)

equilibrar o peso das determinações objetivas e da ação das classes como sujeitos da história:

“A transformação da vida material determina as condições dessa luta e parte de seu caráter, mas o resultado específico é determinado apenas pela luta em si mesma. Isso significa que a transformação histórica acontece não por uma dada ‘base’ ter dado vida a uma ‘superestrutura’ correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas idéias e valores humanos e de serem questionadas nas ações, escolhas e crenças humanas”.<sup>19</sup>

O campo específico da história social do trabalho tem sido aquele em que mais corriqueiramente encontramos referências a Thompson entre os historiadores brasileiros. Novas e importantes análises sobre a classe trabalhadora brasileira ao longo do século XX, bem como estudos sobre a escravidão que renovaram este campo de pesquisas, assumidamente buscaram no historiador inglês a sua fonte de inspiração. No entanto, neste mesmo campo encontram-se algumas das mais preocupantes leituras culturalistas de sua obra. Assim, em uma análise das relações entre Estado e trabalhadores no pós-1945, encontramos Thompson associado aos mais diversos autores que estudaram a "cultura popular", como se essa combinação eclética pudesse ser capaz de superar as visões mais simplistas sobre o fenômeno do populismo. Thompson surge, assim, em meio a Carlo Ginzburg, Roger Chartier, Peter Burke, Robert Darnton, Natalie Davis, Giovani Levi, como historiadores que “passaram a utilizar o conceito de cultura - categoria até então restrita às análises antropológicas”, além de ser associado a uma “narrativa densa” (talvez numa referência não explicitada à descrição densa de Gertz). Tudo isso compatibilizado com o sub-título “De Gramsci a Ginzburg, de Foucault a Thompson”.<sup>20</sup>

O resultado de um tal ecletismo teórico e uma tão acentuada “domesticação” de Thompson são análises que tratam o ideário getulista/trabalhista como correspondendo literalmente à consciência de classe dos trabalhadores brasileiros da época: “Compreendido como um conjunto de experiências políticas, econômicas, sociais,

---

<sup>19</sup> Thompson, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros estudos*. Campinas, Edunicamp, 2001, p. 263.

<sup>20</sup> Jorge Ferreira. “O nome e a coisa: o populismo na política brasileira”. In *O populismo e sua história. Debate e crítica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, pp. 96-98. Neste aspecto pelo menos, tal análise parece ir além do proposto no texto já citado de Vainfas, que critica o exagero de “certo ecletismo teórico” de alguns trabalhos de história cultural produzidos no Brasil. Vainfas, R. “História Cultural”, op. cit., p. 162.

ideológicas e culturais, o trabalhismo expressou uma consciência de classe, legítima porque histórica.”<sup>21</sup>

Na definição de classe – como processo e relação – esposada por Thompson, a dimensão do conflito, bem como a da dominação que lhe explica, são elementos que não se pode expurgar para se chegar à consciência:

“Para dizer-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao seu redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os que as exploram), identificam os nós dos interesses antagônicos, se batem em torno desses mesmos nós e no curso de tal processo de luta descobrem a si mesmas como uma classe, vindo pois a fazer a descoberta de sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real.”<sup>22</sup>

Do ponto de vista aqui assumido, a dificuldade não está, portanto, no uso de referências a Thompson, mas justamente na tentativa de domesticar um autor que compartilha um referencial marxista assumido, que o leva a formular propostas interpretativas voltadas para a explicação de modos de dominação social em meio à dinâmica do conflito, da luta de classes. Pensar a classe através de Thompson, desprezando a luta de classes para chegar a uma idéia de consciência da classe trabalhadora como legitimamente representada na proposta política dos dominadores é, para dizer pouco, uma contradição.

Embora reconhecendo a possibilidade quase ilimitada de leituras e iluminações que uma obra tão rica quanto a de E. P. Thompson pode gerar, acreditamos que é insustentável buscar num autor como ele a sustentação para análises sobre a classe trabalhadora que desprezam elementos centrais a sua reflexão, como a questão da dominação e a dinâmica da luta de classes. Mas, a tentativa de domesticação de Thompson não é um fenômeno isolado. A estigmatização do marxismo tem sido o tom dominante de estudos recentes e se Thompson atravessou como referência importante os estudos sobre a classe trabalhadora brasileira desenvolvidos nos últimos trinta anos, isto

---

<sup>21</sup> Ferreira, J. “O nome e a coisa...”, op. cit., p. 103.

<sup>22</sup> Thompson, E. P. *As peculiaridades*, op. cit., p. 274. Sobre os usos desta noção em estudos históricos sobre o século XVIII inglês, o trabalho mais amplo de Thompson encontra-se reunido em *Costumes em Comum*. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

não se fez sem que também essa referência fosse atingida pelo vendaval anti-marxista. Se descartá-lo seria impossível, pois que alicerçara muito do que fora escrito nos anos anteriores, a saída para alguns foi reduzi-lo a mais um entre tantos outros pensadores da cultura. Uma redução forçada, que não pode continuar operando por muito tempo, pois que os textos de Thompson continuam a circular e para contestar tal redução basta lê-los.